

**POR UM OLHAR DECOLONIAL NO ENSINO DE SOCIOLOGIA:
entre ausências e possibilidades**

**HACIA UMA MIRADA DECOLONIAL EN LA ENSEÑANZA DE LA
SOCIOLOGIA:
entre ausencias e posibilidades**

Kelson Guimarães Magalhães Bueno¹

INTRODUÇÃO

A organização das sociedades, embora baseada em elementos perenes, deriva suas fundamentais diferenças das interpretações e sistematizações desses elementos. Se formas históricas de dominação violenta persistem, a humanidade tem voltado atenção crescente a mecanismos mais sutis - porém igualmente poderosos - que se infiltram nas estruturas mentais, culturais e sociais, perpetuando desigualdades de modo invisível. No contexto educacional, este debate mostra-se urgente. No ensino de Sociologia no Ensino Médio, a colonialidade manifesta-se através de currículos eurocêntricos, desvalorização de saberes não-ocidentais e reprodução de práticas racistas. Apesar do potencial crítico da Sociologia para desnaturalizar tais estruturas, é essencial que docentes adotem uma postura intencionalmente antirracista e decolonial, questionando seu lugar de fala e os limites de formações pautadas em perspectivas hegemônicas. Este trabalho investiga os elementos constituintes do ensino de Sociologia na rede pública mineira, transcendendo a análise curricular tradicional. Seu cerne reside no questionamento das ausências e possibilidades da prática docente através de um olhar decolonial. Argumenta-se que os sistemas de ensino mineiros permanecem impregnados por epistemologias eurocêntricas que marginalizam saberes locais, indígenas e africanos, tanto no currículo quanto na mentalidade docente. Como alternativa, defende-se a pedagogia decolonial como caminho para ressignificar o ensino de Sociologia.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A colonialidade, entendida como um sistema de poder, saber e ser que transcende o colonialismo histórico (Quijano, 2007; Maldonado-Torres, 2007), estrutura hierarquias raciais e epistemológicas na modernidade. No ensino de Sociologia no Ensino Médio

¹kelsonbueno@gmail.com ; PUC Minas Campus Coração Eucarístico

público, manifesta-se em currículos eurocêntricos, metodologias dissociadas da realidade local e práticas que naturalizam exclusões. Como afirma Teixeira (2007), a relação pedagógica é constitutiva e política, podendo reproduzir dominações ou fomentar emancipação. Para superar essa lógica, é essencial uma virada decolonial na educação, ancorada nas contribuições de Said (1990) e Spivak (2010). Said desvela como o Ocidente construiu narrativas distorcidas do "Outro" para legitimar dominações, enquanto Spivak alerta para o risco de silenciamento do subalterno. A pedagogia decolonial emerge como projeto transformador, propondo a desconstrução de estruturas eurocêntricas, a valorização de saberes marginalizados e a promoção de relações dialógicas em sala de aula. Seu objetivo é garantir uma produção de conhecimento mais justa e inclusiva, rompendo com as amarras epistêmicas da colonialidade. A colonialidade do ser (Maldonado-Torres, 2007) e de gênero revelam como a desumanização de corpos racializados persiste, afetando trajetórias educacionais e o senso de pertencimento de estudantes negros, indígenas e, sobretudo, mulheres negras e indígenas, que enfrentam marginalizações múltiplas. No Ensino Médio público, tais dinâmicas materializam-se em currículos eurocêntricos, metodologias desconectadas da realidade local e até no uso de tecnologias que reforçam narrativas ocidentais (Quijano, 2007). Conforme Teixeira (2007, p. 429-430), a relação pedagógica é dialógica e política, podendo tanto reproduzir hierarquias quanto promover emancipação. A superação desse cenário exige uma perspectiva pós-colonial crítica (Said, 1990; Spivak, 2010), que desvele os discursos de dominação e evite o silenciamento dos subalternos. Said (1990) demonstra como o Ocidente construiu estereótipos para legitimar sua *hegemony*, enquanto Spivak (2010) adverte contra a fala pelo outro, que perpetuaría a exclusão epistêmica. Assim, a descolonização do ensino de Sociologia implica reconhecer a educação como espaço de luta política, onde a relação docente-discente pode transformar-se em ferramenta de resistência e reexistência, fundamentada no diálogo intercultural e na valorização de saberes historicamente marginalizados.

METODOLOGIA

Este artigo analisa o ensino de Sociologia na rede pública mineira a partir das lentes teóricas do pós-colonialismo e da decolonialidade. Argumenta-se que a colonialidade do poder, do saber e do ser permeia as estruturas educacionais, manifestando-se em currículos eurocêntricos, na marginalização de saberes não

ocidentais e na reprodução de hierarquias raciais e epistemológicas. Por meio de uma metodologia qualitativa crítica, propõe-se desconstruir essas estruturas e apontar caminhos para uma pedagogia decolonial transformadora por meio de análise documental do Currículo Referência de Minas Gerais. A metodologia adotada integra ferramentas das teorias pós-colonial e decolonial, com ênfase em Edward Said (1990) e Gayatri Spivak (2010), examina-se como os discursos hegemônicos no currículo referência de Sociologia constroem narrativas que invisibilizam ou estereotipam saberes indígenas, africanos e periféricos. Com base em Quijano (2007) e Maldonado-Torres (2007), analisa-se como a classificação racial/étnica e a geopolítica do conhecimento se reproduzem nas salas de aula através das propostas curriculares identificando ausências de autores negros ou pensadores indígenas nas propostas. A teoria pós-colonial e decolonial oferece ferramentas potentes para repensar o ensino de Sociologia, transformando-o em um espaço de resistência e reexistência. Em Minas Gerais, isso implica enfrentar desafios estruturais, mas também aproveitar oportunidades para construir uma pedagogia verdadeiramente plural e democrática.

DISCUSSÃO E/OU RESULTADOS

A discussão centra-se na articulação entre a colonialidade do ser, do saber e do poder como eixo fundamental para repensar o ensino de Sociologia em contextos pós-coloniais. A pedagogia decolonial emerge como proposta transformadora, comprometida com o desmantelamento das estruturas coloniais na educação. Destaca-se a contribuição de pensadores indígenas como Kopenawa (2015), com sua cosmologia baseada no "floresta-pensamento", e Krenak (2019), que defende "ontologias da floresta" para contestar o antropocentrismo ocidental. Conforme Walsh (2009), a pedagogia decolonial opera através do "re-existir e re-viver", articulando-se com as contribuições desses autores para questionar paradigmas da modernidade. Essa abordagem implica dois movimentos interdependentes: a conscientização sobre estruturas coloniais (inspirada em Fanon) e o reconhecimento dos estudantes como sujeitos epistêmicos (na linha de Freire). O ensino de Sociologia transforma-se, assim, em espaço de diálogo intercultural, onde saberes indígenas oferecem perspectivas críticas para questões contemporâneas, como a crise ecológica (Kopenawa, 2015). A incorporação dessas perspectivas exige mais que a inclusão de autores não ocidentais no currículo; demanda uma reestruturação epistemológica que desafie a noção de cânone único e universal. Como afirma Mota Neto

(2015), a educação assume dupla função: denúncia das estruturas opressoras e anúncio de alternativas fundadas na justiça epistêmica. As obras de Kopenawa e Krenak não são meros objetos de estudo, mas ferramentas epistêmicas capazes de reorientar toda a arquitetura do conhecimento escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção urgente de uma pedagogia decolonial exige repensar o currículo mineiro, incorporando autores como Nascimento, Gonzalez e Santos, além de epistemologias indígenas e quilombolas. Conforme Quijano (2005) e Walsh (2013), é crucial superar o eurocentrismo vigente, formando professores como mediadores interculturais capazes de desconstruir hierarquias epistêmicas e valorizar saberes comunitários.

Palavras-chave: Eurocentrismo; Epistemologias do Sul; Pedagogia Crítica.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.
- CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo.** Lisboa: Sá da Costa, 1978.
- FALS BORDA, O. **Uma sociologia sentipensante para a América Latina.** Curitiba: CRV, 2015.
- FANON, F. **Os condenados da terra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu:** palavras de um xamã Yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MALDONADO-TORRES, N. **Sobre la colonialidad del ser.** Buenos Aires: CLACSO, 2007.
- MIGNOLO, W. **Desobediência epistêmica:** a opção decolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF*, n. 34, p. 287-324, 2008.

MIGNOLO, W. **Histórias locais / projetos globais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

MINAS GERAIS. **Curriculum Referência de Minas Gerais**. Belo Horizonte, 2018.

MOTA NETO, J. C. da. **Educação popular e pensamento decolonial latino-americano em Paulo Freire e Orlando Fals Borda**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SAID, E. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. In: SAID, E. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TEIXEIRA, I. A. C. Da condição docente: primeiras aproximações teóricas. **Educação e Sociedade**, v. 28, n. 99, p. 426-443, 2007.

TEIXEIRA, I. A. C. Os professores como sujeitos socioculturais. In: DAIRELL, J. (org.). **Múltiplos olhares sobre Educação e Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

WALSH, C. **Interculturalidad crítica y educación intercultural**. Quito: Abya-Yala, 2009.

WALSH, C. **Pedagogías decoloniales**. Quito: Abya-Yala, 2013.